



SENTINELAS POÉTICAS: OS ELEFANTES DE DRUMMOND, ALVIM E CHACAL

POETICS SENTINELS: THE ELEPHANTS OF DRUMMOND, ALVIM AND CHACAL

Fabiane Renata Borsato
UNESP – Universidade Estadual Paulista (FCLAr)

RESUMO: Este artigo pretende analisar a intertextualidade, a dimensão passional e a existência modal dos sujeitos patêmicos, enunciadore dos textos “O elefante” (1945), de Carlos Drummond de Andrade; “Elefante” (2000), de Francisco Alvim e “Sentinela” (2005), de Chacal.

PALAVRAS-CHAVE: enunciação passional; intertextualidade; Carlos Drummond de Andrade; Francisco Alvim; Chacal.

ABSTRACT: This article aims to analyze the intertextuality, the dimension of passion, the modal existence of the paternal subjects, enunciators of the poems "The Elephant" (1945), by Carlos Drummond de Andrade, "Elephant" (2000), by Francisco Alvim and "Sentinel" (2005), by Chacal.

KEYWORDS: passions's enunciation; intertextuality; Carlos Drummond de Andrade; Francisco Alvim; Chacal.

Os elefantes

Elefante semantiza peso, lentidão, desjeito, animal que suporta em seu lombo o mundo, semas que o colocam em condição de similaridade com o eu poético de “Os ombros suportam o mundo”: “(...) Teus ombros suportam o mundo/ e ele não pesa mais que a mão de uma criança.” (DRUMMOND, 1983, p.78). Traços e função do elefante estão presentes no universo de sentido mencionado e figurativizam os sujeitos dos poemas “O elefante” (1945), de Carlos Drummond de Andrade; “Elefante” (2000), de Francisco Alvim e “Sentinela” (2005), de Chacal, presentes na íntegra como anexo deste artigo.

A dimensão passional, bem como a existência modal e tímica dos sujeitos patêmicos dos textos serão analisadas em sua relação com a intertextualidade. As modalidades do ser passional serão descritas para compreensão das modificações impostas por cada sujeito enunciadore ao valor do sujeito elefante em contextos e poéticas distintas, pois “a sensibilização passional do discurso e sua modalização narrativa são coocorrentes [...] e autônomas, submissas provavelmente, ao menos em parte, a lógicas diferentes.” (GREIMAS & FONTANILLE, 1993, p.21).

O poema “O elefante” compõe a obra *A rosa do povo*, publicada por Drummond em 1945. O sujeito elefante figurativiza um fazer poético baseado em inconsistências e sofrimento. Há, no texto, lexemas que semantizam leveza, restos, destroços e que, paradoxalmente, sintagmatizam-se no elefante, sujeito de densidade aparente, pois sua caminhada revela fragilidade, perdas e indiferença dos demais sujeitos que ocupam o espaço de circulação do elefante.

A paixão da obstinação do elefante e do enunciador-criador denota a densidade do processo de concepção poética. No verso final, há o anúncio de que amanhã haverá reavaliação da criatura, algumas suturas, acertos e revisões para que nova caminhada ocorra. Entre o peso e a leveza, a *performance* do sujeito elefante baseia-se em continuidades. A criatura franksteiniana elefante, no papel de actante destinador-manipulador, apesar de provar a paixão da indiferença dos destinatários, não diminui a intensidade de sua generosidade. Modalizado pelo sentimento de amor e obstinação, de cuidado e de generosidade, de curiosidade e de novidade, o elefante segue caminho e recomeça em amanhã contínuos de poesia, armamento para a instauração da paz num mundo marcado pela dor da guerra e do desamor:

sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada. (DRUMMOND, 1983, p. 164).

A sanção negativa, presente quando da caminhada do sujeito elefante, provoca a parada e revela a matéria bruta do mito a ser recontado para que a lenda se revista de valores e isotopias poéticas.

A criatura franksteniana de Drummond reaparece no poema “Elefante” que dá título ao livro de Francisco Alvim. Um diálogo entre enunciador e enunciatário elefante recupera as proezas desse último. Num tom épico, o enunciador anuncia a paixão do heroísmo do elefante e, junto dela, sua admiração pelo sujeito. A dimensão passional em “O elefante”, de Drummond, está predominantemente voltada à ação do sujeito construtor e caminhante, cujo desejo é despertar nos espectadores estados de alma, modalizando-os para um novo sentir, baseado no amor e na poesia da existência. O enunciador do poema de Alvim, por outro lado, anuncia estados de alma paradoxais de seu elefante, sujeito capaz de conter o dentro e o fora, amor e desamor e, numa ação centrífuga, sensibilizar os que estão a sua volta, inclusive o enunciador do texto.

“Sentinela”, de Chacal, acrescenta em seu intertexto a paixão do erotismo que permeia a relação do enunciador com a sentinela-elefanta. Num jogo ambíguo, há o encontro entre masculino e feminino, consolidando o desejo do *Frankstein*, de Shelley. Diante do ser feminino, o enunciador mostra-se confuso, vulnerável ao sentir e agir da sentinela. Num jogo discursivo, as ações da elefanta desencadeiam estados de alma num enunciador completamente seduzido e desprovido de razão, assombrado e modalizado pela paixão da

admiração e do espanto, incapaz de rejeitar os imperativos do corpo. A impassibilidade do hidrante, mencionada nos versos finais, em lugar de dirimir a paixão do sujeito, intensifica-a, tornando-o inapto à ação, sujeito ao sentir intenso.

O espaço passional de relação entre sujeito e junção com o objeto, nos poemas de Alvim e Chacal, é de intenso estado afetivo e inação por parte do enunciador. Desenvolveremos a hipótese de que, em relação ao intertexto, o elefante criado com poucos recursos pelo enunciador drummondiano deixa os demais estupefatos, contraditórios, apaixonados, aptos somente à competência discursiva e à busca de conjunção com a poesia-elefante.

Drummond e o elefante

O poema “Elefante”, de Drummond, inicia-se na *performance* do enunciador. Seu fabrico revela competência e presença de um sujeito realizado. A primeira estrofe concentra-se, portanto, no enunciador, modalizado por um querer-fazer e um saber-fazer a arquitetura do sujeito elefante, o que fica expresso no verbo “fabrico”. O elefante assume o papel actancial de destinatário, manipulado pelo destinador construtor para encontrar o objeto de valor amigos:

Eis meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfasiado
que já não crê nos bichos
e duvida das coisas. (DRUMMOND, 1983, p. 163).

A descrição dos meandros do ato performático encerra o primeiro programa narrativo por meio da sanção positiva ao enunciador e abre um segundo programa narrativo. Nele, o sujeito elefante que tematiza a urdidura da própria poesia, necessita de espectadores para sua *performance* de divulgação da essência poética. No nível discursivo, o ator elefante apresenta semas de fácil adaptação, maciez, impureza, adulteração e paradoxalmente, integridade ética – “alheia a toda fraude”. O ator elefante ainda apresenta alguns semas de sedução tatuados na pele, metáforas da possível instauração do amor entre os seres, da construção de um mundo mais poético. Nos versos abaixo, encontramos o conector de isotopia que une arquitetura, matéria-prima e produto na *performance* de construção do elefante-poesia:

a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais. (DRUMMOND, 1983, p. 163).

A *performance* do elefante em busca de amigos apresenta a descrença mundial como antissujeito. Seu corpo-poesia tatuado de “flores de pano e nuvens” é recurso persuasivo aos sujeitos descrentes. Entretanto não há sujeito disposto à persuasão, o que impede a realização do sujeito elefante:

[...] não há na cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante. (DRUMMOND, 1983, p. 163).

O elefante *frankstein* é ignorado em sua *performance* de exposição do corpo e, apesar de sua anormalidade – cauda e ventre prestes a cair –, não recebe um só olhar de outros sujeitos, criatura sem espectador-leitor.

Um estudo intertextual da criatura de Mary Shelley revela que criador e criatura são atores distintos para a mesma função actancial. Assim também ocorre em “O elefante”, quando enunciador-poeta e produto da enunciação-poesia (figurativizado no elefante) adquirem similar identidade e empreendem igual programa narrativo de sedução de espectadores-leitores.

O objeto valor do elefante é revelado em sua fome de seres, coisas, situações cotidianas e naturais, mas essa fome não é satisfeita. Apesar disso, a modalização pelo sentimento do cuidado e da generosidade, da curiosidade e da novidade faz com que o sujeito elefante siga caminho e recomece em manhãs sucessivas.

As paixões do sujeito elefante, do poema de Drummond, são pragmáticas na fatura modernista. O cuidado compositivo e o compromisso com a interpretação da voz social instauram poéticas modernistas marcadas por intensa pesquisa formal e versos de cadência inusitada. Outra paixão modernista, presente no texto em questão, é a da generosidade, semantizando superior qualidade e desapego.

Entretanto falta ao sujeito leitor competência para a compreensão da obra elefante. A disforia anuncia-se no retorno do elefante, numa carência que se estende da criatura ao criador, devido à relação especular existente entre eles. O sujeito elefante está projetado no outro, nas funções actanciais de destinador e destinatário, questão evidenciada nos versos:

Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me. (DRUMMOND, 1983, p. 164).

A sanção negativa revela a matéria bruta do mito – “de perdão, de carícia,/ de pluma, de algodão” – que precisa ser recontado amanhã para que outra vez a lenda se faça poesia, revestida de valores e isotopias poéticas. O conteúdo é marcado por semas de civilidade e suavidade, traços do mito humanizado no ator elefante, lugar de apropriação e revisões mítico-poéticas.

O verso final – “Amanhã recomeço” – enuncia *performances* e modalizações cíclicas, de caráter mítico que, aqui, aproximamos do mito moderno de *Frankstein* em sua eterna busca de paixão e compreensão humanas.

A poética drummondiana tornou-se referência para a poesia produzida posterior e simultaneamente à sua. O intertexto com Drummond, recorrente na poesia brasileira moderna e contemporânea, sinaliza um contexto de reconhecimento do elefante

desajeitado do poema de *A rosa do povo*. Podemos afirmar que Drummond é voz fundamental para a poesia posterior, de tom reflexivo e crítico. Segundo o poeta e crítico literário Alcides Villaça (2011), a produção nacional contemporânea apresenta três vertentes e uma delas, caracterizada como poesia de oficina, preocupa-se com a “carpintaria do verso”:

[...] o poeta conta com outros poetas ou leitores que, como ele, dispõem de um espelho crítico em que a linguagem se contempla e se avalia o tempo todo, seja para lamentar, aceitar ou comemorar seus limites. A questão inicial é a viabilidade mesma da arte literária, e o poema é o lugar onde se investigam o alcance e o poder das ferramentas verbais. Ronda sempre a ameaça de tudo se reduzir a um simulacro, uma paródia, um pastiche, uma tradução, pois já não se aposta em expressão absolutamente original, nem em invenção definitiva. (VILLAÇA, 2011)

A redução anunciada por Villaça nem sempre apresenta caráter pejorativo, como veremos nos poemas de Alvim e Chacal que dialogam com “O elefante” drummondiano. Alvim pratica a paráfrase ao anunciar o sofrimento e a dor do elefante descrito pelo enunciador como sujeito heroico.

Chacal, por sua vez, reduz a objetividade lírica presente nos poemas de Drummond e Alvim em favor da alta subjetividade de um enunciador completamente seduzido pela sentinela-elefanta. O tom de paródia do poema de Chacal não consegue, entretanto, suprimir a superioridade do ator elefanta, elevado à condição de sujeito avassalador.

O elefante épico de Alvim

Antonio Cícero (2005) reconhece, no conhecido poema de Drummond, “A máquina do mundo”, um “tom de resignação e luto com o qual o poeta aceita o seu destino moderno.” (p. 92). O mesmo não se pode afirmar do poema de Francisco Alvim. A interioridade do elefante é marcada por paixões do heroísmo de um ator que reconhece, de modo épico, a inevitabilidade da dor humana. Ímpeto e força bélica são traços do interlocutário elefante que anunciam sua condição antitética, presente em expressões como “brilho baço”, “túrgido aríete”, “pisar macio, dançarino”. É a paixão do heroísmo que mobiliza o interlocutário-elefante descrito no poema de Alvim. Nela, “*L’honneur a quelque chose de guerrier et de belliqueux; Il est lié à la gloire, [...] La passion de l’honneur est à la fois individuelle et collective, [...]*” (RALLO DITCHE, FONTANILLE, LOMBARDO, 2005, p.101). Da ação bélica à serenidade heroica, os programas narrativos do sujeito elefante envolvem um percurso épico e lírico construído verso a verso no poema de Alvim.

O enunciador do poema “Elefante”, de Francisco Alvim, instaura a função de interlocutário ao sujeito elefante. Num alusivo diálogo em que o interlocutário elefante permanece mudo, o interlocutor constrói espaços topográficos internos e externos que revelam o ímpeto e a força do elefante.

Há dois aspectos do interlocutário construídos no poema, passíveis de nota e relação com a estrutura do texto, composto de três estrofes irregulares quanto ao número de versos. O primeiro revela traços de escuridão, força, fúria; enquanto o outro, expresso na segunda estrofe, descreve um interlocutário nobre, gracioso, leve, sedutor de “ventres frios./femininos.” A terceira estrofe desloca o foco do interlocutário para seu entorno e apresenta um espaço poético em que se apagam os conflitos e as contraditoriedades do sujeito e de sua elaboração poética.

Ar e carne, matérias em estado sólido e gasoso, são paradoxais como pedra e vento (verso 2). Esses elementos desencadeiam a isotopia do simultaneamente leve e denso da condição similar do sujeito elefante de Drummond, em suas tensões internas e externas, próprias do processo poético e dos traços épico e lírico anunciados anteriormente.

O elefante, corpo da poesia, é capaz de conter firmamentos, céus e constelações, além de atropelos e aríetes, categorias semânticas da ordem da natureza e da cultura. A carne do elefante-poesia contém tudo, porque presentifica, aproxima, encurta espaços e tempos históricos e existenciais.

À passagem do elefante, há a construção de um novo espaço, nobre, feminino, encantado, musical: “Teu pisar macio, dançarino,/ enobrece os ventres frios,/ femininos.” Esse encantamento omite a difícil chegada do elefante até ali, expressa nos versos da primeira estrofe por meio das figuras “céus atropelados”, “incêndio de pilastras” e do anúncio das ruínas internas, seguido do uso do verbo “reverberar” que apresenta a raiz etimológica de *verber*, do latim “açoiar, vergastar; maltratar (com palavras); esmagar (um orador)”. Nos versos 8 a 10, há a notícia do enfrentamento. Por mais que o adversário possua um escudo protetor, o elefante carrega consigo um túrgido aríete que instaura a tensão e o universo bélico. O enfurecimento de distância e tempo é provocado pelo sujeito elefante que presentifica, aproxima, encurta espaços e tempos históricos e existenciais, sugerindo o tempo mítico da poesia. A natureza está a serviço da cultura e da invenção artística. Esse combate, realizado com maquinaria de guerra, é dissimulado quando inicia a caminhada do elefante. O seu entorno, espaço de atuação poética – “A tua volta tudo canta” (verso 14) –, afirma o desconhecimento da difícil empreitada do poeta e da poesia rumo ao reconhecimento: “Tudo desconhece.” (verso 15).

O enunciador anuncia, em tom épico, a paixão do heroísmo do elefante, bem como sua admiração pelo heroico sujeito. Os paradoxos da criação o humanizam sem que haja a perda da função épica. A ação centrífuga do sujeito elefante constrói-se por expansão. No centro tensivo, estão as dinâmicas internas do sujeito elefante expostas na estrofe 1. A movimentação do elefante sensibiliza os que estão à sua volta, inclusive o enunciador do texto, promovendo nobreza e canto.

As tensões entre interno e externo, claro e escuro, belicoso e macio dão ao poema o tom de paráfrase em relação ao texto de Drummond. O sofrimento e a dor do elefante não são descartados, ainda que o interlocutor, quando do ato de caminhar do elefante, desconheça esse flagelo compositivo. Para fazer cantar seu entorno, um estado bélico foi instaurado no interior do sujeito, uma ebulição interna, descrita na estrofe 1, revela-se distinta do “pisar macio, dançarino” da estrofe 2. Trata-se, como no poema de Drummond, do paradoxo da criação poética que, muitas vezes, não evidencia, no produto poesia, o esforço do enunciador para resultar o poema, conforme anuncia o estudo crítico de Sussekind (2000):

E, se em “O Elefante”, Drummond tratava das tensões internas e externas constitutivas do processo poético, da fragilidade do seu “pobre elefante”, imponente e frágil, desastrado e tocante, [...] Francisco Alvim faz, em “Elefante”, uma espécie de poema-apóstrofe, no qual o animal passa de figura a interlocutor mudo, mas de uma descrição pautada e cindida, toda ela, por contradições como as que estruturam o poema de Drummond.

A sentinela sedutora

A acepção da palavra sentinela é diversa e denota o soldado armado que guarda um posto, substantivo comum aos dois gêneros. Há ainda a possível acepção, de origem controversa, anunciada pelo dicionário Houaiss, que vincula o termo ao verbo *sentire*, “sentir, perceber”. De todo modo, interessam os semas da observação sensível e perceptiva que a palavra sentinela anuncia e que guardam relação com a construção que o enunciador faz da elefanta no poema de Chacal, intitulado “Sentinela”.

O título do poema em questão introduz o substantivo feminino – sentinela – o que significa construir uma alteridade feminina para o elefante drummondiano. A indefinição dos sujeitos apontada no verso 2 – “quem sou eu, quem és tu nessa manhã que se anuncia?” – apresenta ambiguidade. Vemos que a indeterminação da sentinela modaliza o enunciador desorientado que se faz interlocutor de si mesmo em busca de compreensão dos segredos e traços recônditos da sentinela que o arrebatava. O parecer sobrepõe-se ao ser e desestabiliza o enunciador. O peso da paixão da adoração pela sentinela está expresso no verso 4 – “posso dizer que um elefante passa em mim.” – referência ao elefante drummondiano que, neste texto, encontra o par elefanta, anunciando a completude e antecipando o traço de erotismo fortemente presente no poema.

Uma sucessão de interrogações coloca a sentinela em relação de contraste com o elefante drummondiano. Enquanto o elefante sai avidamente em busca de amigos; a elefanta-sentinela passa “resfriada”, sem grandes entusiasmos. Seu ventre não apresenta o epíteto balofo, do verso drummondiano, mas a unidade capaz de conter o mundo que, por sua vez, recebe o epíteto paralisado, conotação que parece revelar o estado do próprio enunciador em êxtase diante da figura desconhecida e enigmática da sentinela.

O sujeito, ao descrever as atitudes da sentinela, apresenta-a como um sujeito livre, afeito à solidão, descompromissado e altamente sensual: “sentinela, esse jeito avoadado de quadrúpede no cio me assanha.” A paixão do erotismo provoca no enunciador o embate entre razão e emoção, em que a primeira perde, dando lugar ao sensível: “alguns te chamam elefanta, outros aliá e todos tem razão/ menos eu, sentinela, menos eu que sou assolado pelo teu sentimento.” O verbo assolar explicita a agonia e aflição do enunciador diante de seu interlocutário, sujeito a quem clama e interroga sem resposta.

O desejo do enunciador de persuasão da elefanta revela-se nas figuras do *walk talk* ou *discman*, objetos manipuláveis. Entretanto, numa atitude adversa, a elefanta sentinela não veio compacta ou manuseável, mas selvagem e primitiva como é de sua essência. O desejo de controle do sujeito fugidio aponta a impossibilidade de manipulação da elefanta e provoca uma contramanipulação, já que o enunciador fica “impassível como um hidrante”, passando por um processo de reificação paulatina, até a total passividade e automatismo, expressos nas despedidas finais coloquiais e corriqueiras: “vai, sentinela, vai!/ cambaleante pelas ruas do rio. boa sorte. seja feliz. até logo.”

O enunciador, diante da sentinela elefanta, torna-se um não sujeito da predicação, executor de um programa mecânico e de um sentir baseado na sexualidade instintiva. A paixão do erotismo permeia a relação do enunciador com a sentinela-elefanta, num encontro entre masculino e feminino que consolidaria, ao menos parcialmente, o desejo de *Frankstein*, de Shelley. Diante do ser feminino, o enunciador mostra-se confuso, vulnerável ao sentir e agir da sentinela. As ações da elefanta desencadeiam estados de alma no enunciador completamente seduzido e desprovido de razão, assombrado e modalizado pelas paixões da admiração e do espanto, incapaz de rejeitar os imperativos do corpo. A

impassibilidade do hidrante, mencionada nos versos finais, em lugar de dirimir a paixão do sujeito, intensifica-a, tornando-o inapto à ação e à reflexão.

Considerações finais

O elefante de Drummond constrói a poesia de inconsistências, lexemas que semantizam leveza, restos e destroços que se sintagmatizam paradoxalmente num sujeito elefante de densidade aparente, pois a caminhada demonstra sua fragilidade, perdas e a indiferença dos demais sujeitos para com a criatura. A paixão da indiferença dos destinatários não diminui a intensidade da generosidade do destinador elefante e de seu contínuo recomeço.

Em “Elefante”, de Alvim, o enunciador dialoga com o interlocutário que permanece mudo. Por meio do discurso, o enunciador pretende recuperar as proezas do sujeito elefante. O modo épico anuncia as paixões do heroísmo do sujeito elefante e da admiração do enunciador.

“Sentinela”, de Chacal, dialoga com Drummond e Alvim, porém a nova paixão, a do erotismo, deixa o enunciador perplexo e incapacitado para a ação da conquista do objeto de desejo. A elefanta-poesia faz-se intangível. A despedida anunciada nos versos finais denota a impossibilidade de o enunciador acompanhá-la em sua peregrinação.

Torna-se evidente que, nos poemas de Alvim e Chacal, o espaço passional de relação entre sujeitos é de intenso estado afetivo e inação por parte dos enunciadores. Numa leitura intertextual, o elefante criado com poucos recursos pelo enunciador drummondiano encontra “o de que carecia” no diálogo com a poesia vindoura. A interlocução ocorre tanto no texto de Alvim, quanto no de Chacal. O elefante de Drummond, ainda na leitura de viés intertextual, deixa os enunciadores de “Elefante” e “Sentinela” estupefatos, contraditórios, apaixonados, intensamente modalizados para a competência discursiva e busca de conjunção com a poesia-elefante, numa relação de continuidades e revisões das conquistas modernistas na poesia contemporânea. Nos três poemas, o elefante apresenta mobilidade e deslocamento, mas, enquanto nos poemas de Drummond e Alvim, o elefante realiza performance de caminhar e dançar para enobrecer o interlocutor; no poema de Chacal, a elefanta, além de parecer ignorar a presença do interlocutor apaixonado, emite sons primitivos e ruidosos. O berro lancinante e o ronco visceral da elefanta-sentinela revelam a pungência e a profundidade de seu canto, simultaneamente extenso e intenso. Seu traço selvagem destoa do espaço em que circula, e, nisso, a elefanta de Chacal se aproxima do elefante drummondiano, uma vez que também ela é estranha tanto para o enunciador quanto para o espaço de sua atuação e vai, tal qual o elefante, “cambaleante pelas ruas do rio.”

A instabilidade da poesia-elefante é, portanto, traço comum aos três textos e insinua a condição de resistência do poeta e de sua poesia num contexto fortemente marcado pela alienação, desconhecimento e impassibilidade dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Francisco. **Poemas** (1968-2000). São Paulo: Cosac & Naif; Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

CHACAL. Sentinela. In: PINTO, Manuel da Costa. **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolha, 2006, p. 135-138.

CÍCERO, Antonio. Drummond e a modernidade. In: **Finalidades sem fim**: ensaios sobre poesia e arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 73-93.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Nova reunião**: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1983.

GREIMAS, Algirdas Julien & FONTANILLE, Jacques. **Semiotiva das paixões**. São Paulo : Ática, 1993.

RALLO DITCHE, E.; FONTANILLE, J. & LOMBARDO, P. **Dictionnaire des passions** littéraires. Paris: Belin, 2005.

SUSSEKIND, Flora. O real da poesia. In **Caderno Mais!**, Folha de S. Paulo, São Paulo, 19.11.2000. (disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/fsussekind.html#real>, acesso em 26 de fevereiro de 2009).

VILLAÇA, Alcides. Linhas poéticas em circulação. **O estado de S. Paulo**, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,linhas-poeticas-em-circulacao,761212,0.htm>>. Acesso em 20 ago. 2011.

ANEXOS

O Elefante (Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo*, 1945)

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.
Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfastiado
que já não crê nos bichos
e duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir

da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.
É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há na cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.

Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos,
esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,

eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

Elefante (Francisco Alvim, *Elefante*, 2000)

O ar de tua carne, ar escuro
anoitece pedra e vento.
Corre o enorme dentro de teu corpo
o ar externo
de céus atropelados. O firmamento,
incêndio de pilastras,
não está fora – rui por dentro.
Reverbera no escudo o brilho baço
do túrgido aríete
com que distância e tempo enfureces.

Teu pisar macio, dançarino,
enobrece os ventres frios,
femininos.

A tua volta tudo canta.
Tudo desconhece.

Sentinela (Chacal, Revista *Inimigo Rumor* nº 17, 2005)

teu jeito de elefanta contraído me angustia.
quem sou eu, quem és tu nessa manhã que se anuncia?
sentinela, minha nega, estou tomado pelo teu sentimento.
posso dizer que um elefante passa em mim.
com seu passo lerdo, um tanto tardo de ser.
quando tu assoas tua tromba, sentinela, me assombra.
quem não ficaria sem ar com o teu passar resfriado
com teu ventre que abrange o mundo paralisado?
sentinela sentinela quem te deu esse nome bacana?
por que saís de manhã toda trêfega e só voltas sei lá quando?
sentinela, esse jeito avoadado de quadrúpede no cio me assanha.

alguns te chamam elefanta, outros aliá e todos tem razão
menos eu sentinela, menos eu que sou assolado pelo teu sentimento.
por que não vieste a esse mundo, um walk talk, um disc man ?
assim poderia operá-la ou escutar hendrix quando quisesse.
mas não. vieste elefante e para escutar teu berro lancinante

teu ronco visceral, fico impassível como um hidrante.
vai, sentinela, vai !
cambaleante pelas ruas do rio. boa sorte. seja feliz. até logo.

Recebido em: 16.07.11
Aprovado em: 26.09.11